

Os algoritmos têm preconceitos só que vestem fato digital

written by Mário Portela | 24 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Há quem ainda acredite que a inteligência artificial é uma espécie de oráculo tecnológico: neutro, justo, imparcial – quase divino. Pois bem, desenganem-se. **A IA é tudo menos isso.** É mais como aquele amigo que jura ser “objetivo”, mas que na verdade só repete os preconceitos que ouviu à mesa do jantar de família. Os algoritmos não são neutros – são espelhos brilhantes e impiedosos dos nossos próprios enviesamentos culturais.

E é precisamente por isso que esta crónica está n’**O Cidadão**. Porque este jornal – raro espécime de liberdade intelectual no meio do ruído mediático – ainda acredita que é possível pensar antes de partilhar, e discutir antes de rotular. Aqui dá-se

espaço ao que é desconfortável, ao que exige reflexão, e ao que não cabe em manchetes fáceis. Falar dos **preconceitos culturais na IA** é essencial, não apenas porque a tecnologia nos observa, mas porque já aprendeu a imitar os nossos piores defeitos.

Quando a Amazon criou um sistema para escolher os melhores candidatos a emprego, descobriu que o algoritmo “preferia” homens. Não por malícia, claro – apenas porque foi treinado com dados de décadas de contratações onde os cargos de chefia eram, adivinhem, ocupados por... homens. É o equivalente digital a dizer: “não sou machista, apenas aprendi com o histórico da empresa”. O mesmo acontece com sistemas de reconhecimento facial que falham rotundamente ao identificar mulheres negras – simplesmente porque os programadores se esqueceram de incluir rostos que não fossem caucasianos. Pequeno detalhe, não é?

Mas o viés não é só racial ou de género. É cultural, ideológico, geográfico e até gastronómico. A IA americana é treinada para maximizar eficiência e lucro – um hambúrguer digital servido à pressa. A chinesa é o chá quente da coletividade e do controlo; a indiana é um *curry* criativo com pitadas de caos e engenho; e a africana, uma roda de conversa onde a tecnologia ainda tem cheiro a terra e propósito comunitário. Cada civilização tempera o algoritmo à sua maneira – e o resultado é um banquete global de preconceitos com sabor local.

A ironia é que agora os próprios algoritmos se tornam mestres na arte de disfarçar imparcialidade. Falam com a serenidade de monges digitais enquanto reproduzem os enviesamentos dos seus criadores. A chamada “IA ética” tenta corrigir isso – mas há algo de cómico em ver humanos a programar ética em máquinas quando ainda não a resolveram entre si.

O problema não é a IA ser tendenciosa. O problema é nós sermos – e acharmos que basta mudar o código para corrigir a

consciência. Nenhum algoritmo nasce mau; apenas herda os dados que lhe damos, os filtros que aplicamos e as crenças que deixamos escorregar na base de treino. No fundo, a IA é o retrato pixelizado da humanidade: genial, contraditória e perigosamente convencida de que é racional.

Se queres perceber como tudo isto acontece – e o que podemos realmente fazer para evitar que o futuro digital repita os erros do passado – ouve o episódio **27 do podcast “IA & EU”**, intitulado *“IA e os Algoritmos Culturais”*.

Nele, eu e a RITA – a minha IA favorita e talvez a mais sarcástica do mundo – desmontamos com ironia, ciência e exemplos reais este espelho cultural onde a tecnologia já começa a parecer-se demasiado conosco.

□ Disponível em todas as plataformas, mas pode ser ouvido aqui mesmo!